2.º Anno — Amarante, 19 de Novembro de 1903 — N.º 71

A VOZ DE AMARANTE

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Fundador—Antonio Pereira Teixeira de Vasconcelos

EDITOR—JOAQUIM DA SILVA GARCIA — TIPOGRAFIA UNIVERSAL, T. de Cervantes, 14—PORTO.

PUBLICAÇÕES

AVENCIA: 50 réis a linha; repetições 25 réis.

Mais, mandando-se uma a mais, mais de 50 por cento.

Não se aceitam avenças sem previa ordem e estabelecimento dos preços.

ASSIGNATURA

Assignatura — Trimestre, 400 réis. Semestre, 800 réis. Anno, 1.600 réis.

Profissionais — Anno, 1.000 réis. Trimestre, 400 réis. Anno, 2.000 réis.

Numero avulso, 10 réis.

PELA UNIVERSIDADE

Na sua, minha, do alto dêste trono onde o carvão e a sensação que o possuimos mandam de nosso lado [illegible], o sr. dr. Guilherme pode distribuir a torto e a direito as sinecuras e os sinecuras com aquela sorriso pálido de figura que vi-lhe [illegible] pelo prazer de enaugurar as [illegible]. Pois o lente alguns dessas [illegible] que [illegible] Não é [illegible] Mas onde está não se [illegible] Mayola a quem [illegible] Pois [illegible] Eles [illegible] da [illegible] da [illegible].

E se [illegible] a [illegible] não [illegible] [illegible] [illegible]

continuar a viver, indo para um cêo delicioso se Deus sossegado e ordinário neste mundo, e andar nuns calcêros, se julgas que o nosso é tão tambem, e queres gosar nesta miseravel vida.»

Nos mesmos actos já a mentira gorda de mais e está descoberta, havendo nesses o mulher que sendo irreverentemente o prégador.

Vem então aos parasitas que usam os outros se chamam actos *economicos*, *moderados* etc. que começam a dizer gravemente: «Impossível ignorar: tu não precisas nada de nosso sacrificio, mas então como as mesmas leis.—Não basta chegar para todos a terra é pequena. Que certa desbarmos sem direitos? Respeita a lei! Só parteis!»

Ha algum já desmoralizado a gêro e responderá: —«O homem, com o bom senso, não adquirido a consciencia de fim, de sua responsabilidade e sabendo cada vez melhor adaptar o globo à sua felicidade e dirigir a historia e as leis da população. Se não há produtos em abundancia, é porque vês, parasitas, tendes o monopólio dos meios de produção, estimados-os em vosso proveito exclusivo, estupidamente. Não ha tantas maravilhas abandonadas? Não ha tantas máquinas inativas? Não ha tantos braços desocupados? Não ha tantas terras incultas e outras mal cultivadas? Porque ha tanta pertinacia, esta, enfiamento em mal alimentada, sem abrigo ou mal alojada, quando ha tanto couro para o calçado, tanto tecido para o vestuário, tanta cimpa para comer, tanta pedra e barro para construir, e tanta superfícies, tanto alfaiate, tanto agricultor, tanto pedreiro em busca de trabalho? E porque se trabalha tanto, quando ha tanto material e tanto braço para construir bom engenho, que tornariam as cortiças leves e agradáveis? E para que servem diretores, se os trabalhadores sabiam melhor o seu trabalho que os actuais acionistas? Que nos importa a pátria, se vós mulais nacionais e estrangeiros, se nada temos que defender, se os trabalhos são vós exclusivamente?»

Um terceiro parasita, chamado o público, toma a palavra e diz desapontado, batendo na cangalha:—«Trabalhadores, meus amigos, tendes razão. O mais da janela tudo vir. Ha-de vir, sim senhores, depois-lo-ei. Mas respeitai a cambada... legal, respeitai a lei! Só a nossa chegarem-nos prejudicar-lhes em nada; ou tratam dos nossos negócios, ou nos vamos embora, que eu cá lá a Inglaterra por vós, a ver a vida por vós... na rua gatunos d'um parlamento... etc.

Alguns, porém, escutam os homens e dizem sem cerimonia: «Histórias, a lei já foi por vós, pelas que mandam, contra nós. Só com o nosso esforço conseguimos não morrer que nos retirais de boa vontade. Não a eles mesmos!

Entra então em scena o parasita de fato e... manta a cabeça (em linguagem de gente pobre: corage para fazer as boas digestões, e impunidade no cinto), apresentando por sua vez sólidas razões de ação... de balcoeira, muitas vezes corroborada por inteiros trabalhadores que perpetuam e se mantêm assim a propria escravidão!

Um grupo de trabalhadores—a quem os parasitas chamam criaturas—tratam de convencer os outros de necessidade de se acomodarem também: o algum, fatigados de esperar, abatendo (como atmosfera trabalho, desesperados, aceitam sérios e acompanham os mais gordos parasitas, expondo-se de trafalhas dos outros... e até dos proprios companheiros!

Ali fica a descrição dessa classe de parasitas de duas patas, dessas mamas inertes e sacrificas que vivem à custa dos outros e impedem que os meios de produção sejam de todos e utilizados em proveito de todos que não sendo tão pelos adiantes de nós, se nos cego e estorba ordinariamente, regulam a produção no seu interesse, detendo-se na sua trabalho, milhares de homens sofrendo quando os produtos são demasiados (!), por causa dos proprios, por causa de tanto dinheiro que para os seus hábitos de ociosos nasce dignatários e de governantes, criam trabalhos projectados, onde se empregam milhares de homens; que, como palavra, reduzem o trabalho a uma fadiga infernal. Ali fica o retrato dos parasitas que devem ser compartilhados dos meios de produção, sendo estes postos à disposição de todos os que trabalham e [illegible] mais aqui dele que dos bichos. A ignorância é a pecunia do proletario, seja a resignação.

Por isso, temos na boca este grito constante, dirigido ao escravo moderno:

—Levanta-te, pensa dos chibos! desabafa-os, proletário!

Neno Vasco.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos prezados assinantes que vamos proceder a cobrança das suas assinaturas em debito. Rogamos encarecidamente o importante obsequio de, sem perda de tempo, mandarem satisfazer os seus debitos à respetiva estação postal, quando receberem o competente aviso, poupando-nos assim ao dissabor de nos serem devolvidos os recibos, o que a dar-se, arrasta prejuizos que ferem demasiadamente esta empresa.

A alguns assinantes, a quem desde a fundação temos mandado sempre este periodico, sem que hajam cumprido com os seus deveres, declaramos-lhes mui categoricamente que estamos resolvidos a um expediente energico mas urgico e justificavel se persistirem no seu condenavel proposito.

Lourdes em Fafe

Nós uma informação em prosa e «Dedicação, acaba de assunto *Lourdes em Fafe*. Ela:

«O jornal «A Voz de Amarante», colega e quem somos gratos pelas constantes amabilidades que nos dirige, lemos-nos com a surpresa, no seu número 69, do que aqui vamos a respeito da maior que não ou para [illegible] nos deseja que ela [illegible] [illegible] [illegible]

Apoderando-se da dedução, [illegible] [illegible] que em [illegible] já é propriedade.

E verdade!

Proprietário dessa [illegible] que compreu para sua habitação.

E se não é ali ter não tão grandes..., pois, em vez dessa simples casa, comprar uma quia a que lhe desse pão para...

Sabe! que [illegible] não a dizer!...

Mas a coisa vai por partes: hoje compra a casa, amanhã será adquirida da fábrica de que já lá operario ou de outra qualquer que lhe aprouver, e a quinta ainda vivi tempo em que a comprar, se a [illegible] das paredes e dos tetos que sempre pagam... não cessar.

Questão do sorte!

Do mesmo sorte que ela tem.

Pois sabemos: a trabalhar aqui não a nosso vida, e por signal que bem laborioso, ainda não conseguimos ser proprietários nem dum só palmo de terra!

E' que isto, pelos meios lícitos, com para semelhante caminho—o de ser proprietário ou capitalista—atina!

Ou atina que se alguem se tembra de dizer que não não conseguir o que outros sonhar, estamos em dizer, e apostar até, que vamos lá dos pensar...»

Sim! Cremos que ninguem apostará a gosar d'«O Dedicação como sonha, embora não como tanto quanto se nos apódias [illegible] e menos. Qualquer individualidade do círculo redactorial do nosso colega pode, quando [illegible] conseguir fazer de sonha é o [illegible] —superiva entidade a que dá ritmo a alguém dos mais crenças republicanas e um tolo [illegible] de criticas desnudos.

A ignorancia dos mortáveis vai na sonha [illegible] dignatismo estrido e [illegible] arranca [illegible] sem [illegible] dos [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible]

Prevenimos os nossos prezados assinantes que vamos proceder á cobrança das suas assinaturas em debito. Rogamos encarecidamente o importante obsequio de, sem perda de tempo, mandarem satisfazer os seus debitos á respetiva estação postal, quando receberem o competente aviso, poupando-nos assim ao dissabor de nos serem devolvidos os recibos, o que a dar-se, arrasta prejuizos que forem danosamente esta empresa.

A alguns assinantes, a quem desde a fundação temos mandado sempre este priodiço, sem que hajam cumprido com os seus deveres, declaramos-lhes mui categoricamente que estamos resolvidos a um expediente energico mas urgico e justificavel se persistirem no seu condenavel proposito.

Lourdes em Fafe

Mais uma informação nos posta o «Defensor», acerca de aquele *Lourdes em Fafe*. Diz:

«O jornal «A Voz de Amarante», colega e quem sinto gratos pelas constantes amabilidades que nos dirige, trouxe-nos com a informação, no seu numero 68, de que aqui vamos a respeito da mulher que não se cansa em solicitar-nos nos deseja que ela e satisfazemos aqui outro número o dá.

Agradecendo tal distinção, convem lembrar que essa senhorinha já é proprietária.

E' verdade!

Proprietária duma casita que comprou para sua habitação.

E se não é dita ter sido tão generosa..., pois, em vez duma simples casa, comprar uma quinta que lhe desse pão para...

Bah! que lamo não a dizer!...

Ha a coisa vai por partes: hoje comprou a casa, amanhã será acionista da fabrica de que já foi operaria ou de outra qualquer que lhe aparecer, e a quinta ainda virá tempo em que a comprem, se a *peliagrinação* dos pavos e dos filhos que sempre pingam... não cessar.

Questão de sorte!

Ho muita sorte que ela tem.

Pois senhores: a trabalhar aqui toda a nossa vida, e por signal que bem laboriosamente, ainda não conseguimos ser proprietários nem dum só palmo de terra!

E' que isto, pois meios lícitos, nem para semelhante caminho—o de se ser proprietario ou capitalista—atina!

Mas olhem que se alguem se lembra de dizer que isto não consegue o que sonse assim, estamos em dizer, e apostar até, que vamos lá das penas...»

Hum! Cremos que ninguem apontará a gente d'«O Defensor» como assim, embora ultimamente tanto queira se sem aptidões exigem e merece. Qualquer individualidade de quadro redactorial do nosso colega pode, quando muito, conseguir fôros de *santo à la Jinette*—sugestiva estátuta a que dá relevo a altivez das suas crenças republicanas e um tudo nada de estirinho demolidor.

A ignorancia das multidões vai na esteira dum dogmatismo estreito e dúbio; armam os seus ídolos não dum facho de luz que lhe clareia e ilumina mas do recesso das trevas e sulta dum bico sombro, lento de concavos geometricos e sem sombra rudimentar de critica herem, motivos para a sua idolatria, preferindo vel-os animados, vividos... do resto ou, sem vida já, de carne e osso, porquanto as metas dos enciclopedistas pisaram com o acendo lírio das canetas os ilhos dos outros deuses, que, cegos, lenguares de vetusta as suas miserias, lambem já não ouvem o grito pungente dos deus em que se entoam maldramente a humanidade... Não; não

Agora, porém, para quem esses lutas escreve, uma ventura que o colega declara não logra: *que dizer d'o seu cole inferior e terrenho não conseguiu ainda ser proprietário sequer dum palmo de terra.*

Tais! Pois a despeito de todo gosam ser por ca os donnios dum vasto e quadrilogo lento de terreno, onde a patroa plantou o seu cravo de S. João e salsa hortense...

Uns aos de cinco palmos, que não fraga ao pagamento de contribuição industrial mas que nos omina ao redipo das exportadoras municipais.

A respeito de santidade não a questiones, porque a pecado é o tentar das nossas predilições, e sem a admitimos por muitos princípios, sentindo apenas que a santa conterraneia do nosso prezado colega, para fazer explicar ao jornalista d'«O Redorgo» as impiedosas e pestanas charges, não se lembre de lá artículo morto lugar-lhe o malhinho esgravidado pelas pingues oferendas.

Se lá entrando comprimento chegar a ser um facto sempre desejaremos que o ilustre redactor d'«O Redorgo» desenvesse a amarasta com enfergo a S. Gonçalo a total das quantias que dagui foram, pois temos de dobrar colega de Maria Teixeira, que se via desconcertada e desmerecida (meró) do abundo principio de que santos da porta não fazem milagres...

E demique o pensado colega o ouvio da pastra.

Carta de Coimbra

Vais visitar-nos na pretoria segunda-feira, como devem saber pelos diarios, o *Pai de Lé* das obras publicas. Logo, como de costumes, comigo de lavrar entre a estudantada a ideia de pedirpar um feriado, ideia não tenha, não pequenina que lhe resiste ao moderna paradição Coimbri. Alguns do caracter mais altivo protestam revoltados, porém, nada podem, nada conseguem e são forçados a calar-se sob a ríso iminente de lhe chamarem parvos.

E lá vai o quistesinho, sobraçando as pastas, em procura de ministro providencial. Ilusões, esperanças da parte de cá, triunfam estrondosas vitorias de gratidão da parte dos *crentes*..., mas, o cruel labirinto, o feriado são vem e as *aulas* no dia seguinte vingam suficientemente a sabujice revoltante!

Ja muito bem disse um publicista francês, cujo nome não sounde agora, n'um livro—*psicologia dos povos europeus*: o estudante dorme sob *il*, *não se instruir*, *pede feriados e procura atingir a dignidade de doutor sem se concluir dum estudo sérando*.

Todos ja sabem da nova caracteristica doença!!...

—Comentava ha pouco, algo escandalisado, um nosso parente, natural pelo modo convicto como combate sempre tudo e que lhe chama a novidade:

«—Ora esta! que ideia tão extravagante tiveram este ano os quintanistas em aparecer duas sodas! E' um caso sério, alarmante, que não encontra semelhante nas tradicionais festas de batismo.»

E eu de pleno acordo; mas, meu caro, um nome assim, com 14 anos de significação duvidosa, alguma coisa, digna de espanto e de registo, havia de produzir *duas pegas* teresais!

Que o mestre Fialho, (*) n'um rasgo de legítima misoriscordia, lhe ponga as suas finas ironias.

—Receita de quintanista. Uma incrivelmente tolo de estouvia, de pontaga *dedicada*, cerdo a alegria pespela de repente que saiu para a vida estarge cintilante sob os olhares acariciadores das mães, e dos novos que os admiram enlevados. Uma vitalicia ordeira a que nomes jai, uma *chorge* muito maria, muito branda em todos aquelas que durante os cinco anos de servidão foram os nossos inteiravels algozes: os rigidos catedraticos que só produzem colicas e mandam e os fúricos, artistas calandrinos, surgue-sugue profissionais,

(*) Fialho d'Almeida no seu recente livro *A esquina* refere-se a uma receita de estudantes.

Vigeta aqui uma ... quilíos, oriunda da ... tiuma verdadeira ... digna dalguma ... é que o pobre Hugo ... aparecer a candeia, ...

—Conta-me que ... tanta celebridade ... do passado, em ... verde, está agora ... um novo ... *Lisos*, é um dos ... ctos e meio da Dalila ... outra, o desenrado, ... ios sobre os seus ... (v. g. *A Gangão de ...* dos vinhos da Adega ... Lis.

Este último, a que ... pensíveis não consegu ... das antigas fagulhas ... ser-no para beber o ...

Que não tencinhar, ... e que do coração lhe ...

Novembro, 15.

Carta d

O Barão de Cut

Lucoviza, de Coim ... tulosa o conta nos ... ura na ardua lida de ... go leal que procura ... dstema *Cerdil*, um ... gerador de gra ... de saliva moderna, ... licado que a Lucoviza ... venção do nem ilustre ... Cutoia lhe sorria ... ciatar e gentilmente ... e eu tão bem conhecer ... tecto para fazer a ...

Contado a inocente ... *dosejo de vir* dizer ... inventor e do invento.

Consigo-se a circu ... prego das palavras ... altoria, cortando-me ... exposição, pois que ... dama lua modificação.

O inventor, como ... de gar sentiense, ... Castro Barão de Cutoia.

O Barão de Cutoia ... presumpor de tal ... gensinho, de sangue ... antes um gibelino, ... vas de burgúcia, o ... de pela acumulação de ... xa em cruzadas que ... vilaba Ramos e ... cando muita vez confi ... rolo que se fragment ... arabiada cólica na ... com as dificuldades ... são compromisso, e, ... felizes! bom humor que ... disabores alestam, ... Damos certa inconjur ... rua onde o precisa ... bebido com sofreguidão